

Em conclusão, este estudo coloca à disposição de investigadores e do público em geral uma pequena parte da extensa obra deste humanista italiano. Pela erudição revelada, nomeadamente no domínio das línguas e da literatura clássica, Viperano bem merece que outros se venham a interessar pelo estudo do seu legado.

ANTÓNIO M. GONÇALVES MENDES

A. Pérez Jiménez & G. Cruz Andreotti (eds.), *La Verdad Tamizada. Cronistas, Reporteros e Historiadores ante su Público, Madrid – Málaga, Ediciones Clásicas & Charta Antiqua, 2001.*

Reúnem-se no presente volume os trabalhos apresentados no *XII Curso-Seminario de Otoño de Estudios sobre el Mediterráneo Antiguo*, realizado na Universidade de Málaga de 13 a 17 de Setembro de 1999, surgindo como resultado dessa actividade científica a revista *Mediterranea*, que inclui estudos sobre os mais variados aspectos relacionados com a vida dos povos mediterrâneos antigos. Conta este ano o seu oitavo número e encontra-se subordinada ao tema em epígrafe.

Como os editores têm o cuidado de deixar bem claro, a historiadores, cronistas e periodistas, prosadores e poetas tem-lhes cabido sempre a importante tarefa de imortalizar personagens e/ou acontecimentos por meio da palavra. Apesar de buscarem a objectividade e imparcialidade, chegam-nos muitas vezes testemunhos carregados de subjectividade, que se traduz numa desvirtuação da realidade dos factos, consoante a perspectiva que se pretende pôr em evidência, de acordo com o prestígio e popularidade que se pretende alcançar ou com a tentativa de agradar a quem detém o poder. Assim, e porque esta situação se verifica nas mais diversas culturas, tanto outrora como nos nossos dias, o propósito do presente volume é, segundo os editores, analisar o “fenómeno de la palabra escrita como dibujo de una realidad tamizada por las exigencias políticas y la creatividad de prosistas y poetas” (p. 4), tendo em conta que como testemunho da realidade histórica serve quase tudo: desde os poemas homéricos, os epigramas alexandrinos, os relatos de viagens, até versos onde, como em Ovídio, um autor descobre a sua verdade do amor.

O artigo que inicia o volume, de Felipe Sahagún (“Información y Opinión Pública”, pp. 7-30), analisa a importância da informação na cultura actual, ao serviço da qual se encontram as novas tecnologias que, para além de facilitarem o acesso a novas formas de comunicação, recepção de dados, formação de opiniões, têm também a desvantagem de possibilitarem abusos, propaganda, repressão, podendo adulterar e distorcer a verdade de forma a influenciar e manipular a opinião pública.

Leone Porciani (“Grecia y Oriente: la Escritura de la Memoria”, pp. 31-45) aborda as discussões relativas aos princípios da historiografia grega, centrando-se sobretudo em Dionísio de Halicarnaso e Flávio Josefo, cujas opiniões, a propósito do modo como os gregos iniciaram a transmissão da memória, entram por vezes em conflito. É estabelecido ainda um contraste entre a tradição escrita na Grécia e

no Oriente, cujas civilizações (especialmente a egípcia) possuíam uma base documental muito mais sólida.

Em “Heródoto: Tradición Oral y Público” (pp. 47-68), Carlos Alcalde Martín põe em relevo a relação estabelecida entre Heródoto e o seu público, o modo como condiciona as suas atitudes e como o chama a opinar e julgar, transformando-o assim num “público activo, crítico y participativo” (p.67); por outro lado, explicita os métodos de investigação utilizados pelo historiador, dos quais se destaca o recurso à tradição oral.

José M^a Candau Morón (“La Historia como espectáculo. Sobre algunas tendencias de la Historiografía helenística”, pp. 69-86) centra o seu estudo nas composições dos autores que, na época helenística, se afastaram do cânon historiográfico fixado por Tucídides: Clitarco, Dúris de Samos, Filarco de Atenas, Calístenes de Olinto, Timeu de Tauroménio e Teopompo de Quios, procedendo então a uma explicação das coordenadas culturais sob as quais escreveram estes autores e que fazem da época helenística um período de mudança e inclusive de renovação no campo da historiografia.

Antonio Ramírez de Verger (“La actitud de Ovidio, poeta elegíaco, ante las mujeres. El ejemplo de *Amores*”, pp. 87-106) aborda inúmeros aspectos relacionados com a relação poeta/amada na poesia elegíaca, como a classe social da *puella*, o seu retrato, a sua ausência, as desavenças entre o enamorados, as estratégias de sedução, as juras de fidelidade eterna e, por oposição, as constantes infidelidades, a impotência sexual, entre outros, tendo sempre o cuidado de ilustrar os aspectos focados mediante inclusão de excertos da obra ovidiana.

M^a Dolores Verdejo Sánchez (“Propaganda y deformación de la Historia en Roma. Tácito y la utilización de *rumores*”, pp. 107-138) leva a cabo um interessante estudo sobre a forma como historiadores, políticos e homens de estado deformavam, falsificavam, alteravam ou omitiam factos de modo a conquistar a atenção do público, a influenciar as suas opiniões ou a expressar as suas próprias ideias políticas, religiosas ou morais, o que explica, em grande medida, a falta de imparcialidade que perpassa a historiografia. Atenta, assim, em Tácito, procedendo a uma minuciosa análise da forma como o historiador recorreu aos *rumores* para descrever personagens e situações ou para lançar suspeitas ou acusações sobre alguém; em suma, para evidenciar essencialmente os aspectos negativos das figuras centrais da história do momento.

Partindo das discrepâncias patentes nos Evangelhos relativamente às palavras proferidas por Jesus na cruz e aos fenómenos extraordinários mencionados antes e depois da sua morte, relatados em maior número por Mateus, Jesús Peláez (“Fenómenos extraordinarios en la muerte de Jesús: ¿Historia o símbolos? (Mt 27, 45-53)”, pp. 139-157) mostra como o evangelista recuperou os fenómenos anunciados nas Escrituras do Antigo Testamento para o dia de Yahvé, de modo a, com essas antigas imagens, desvendar o profundo sentido do acontecimento histórico da morte de Cristo.

“La dimensión humana en la historiografía bizantina y su reflejo en la estructura narrativa” é o título do artigo apresentado por Pedro Bádenas de la Peña

(pp. 159-178), onde nos dá conta da renovação de que têm sido alvo os estudos bizantinos, nomeadamente no que respeita às regras que um autor deve seguir para escrever nos diferentes géneros, aos elementos que configuram o tema da escrita e ao *homo byzantinus* “como creador, consumidor y sujeto de las obras literarias” (p. 178). Por outro lado, insiste também na necessidade de uma nova reinterpretação da historiografia bizantina, com base numa “síntesis entre el autor como individuo, los destinatarios de las obras y las personas como personajes de las mismas.”

Mayte Penelas, em “El historiador árabe ante las fuentes cristianas: las *Historias* de Orosio” (pp. 179-200), dá-nos uma interessante abordagem da forma como dois autores árabes muçulmanos utilizam uma tradução árabe da obra histórica de Orósio, a par de informações provenientes de outras fontes latinas. Penelas conclui, assim, após uma cuidadosa comparação dos textos, que a forma como cada um desses autores os trata depende do seu próprio método enquanto historiador e que poucas modificações foram efectuadas, para além da omissão de afirmações de carácter cristão, não partilhadas por um muçulmano.

O artigo de Ángel Galán Sánchez, “Historiadores, monarquía y propaganda a fines del siglo XV: la conversión al cristianismo de los granadinos” (pp. 201-236), que encerra o volume, detém-se na forma como, na época em questão, o programa de propaganda régia legitimou a acção dos Reis Católicos (a conquista de Granada e a conversão forçada dos granadinos, a luta contra o Islão e a expulsão dos judeus), apresentando-a como o modelo ideal de luta pelo cristianismo, mesmo quando isso implicou a manipulação da verdade.

Congratulamo-nos, assim, com a publicação deste volume, cujo objectivo nos parece ter sido plenamente conseguido, e esperamos por novos e frutíferos estudos.

RAQUEL TEIXEIRA FILIPE

Sébastien Ferran, *Ulisses, livro I, A Maldição de Posídon. Meribérica/Liber, Outubro de 2002.*

Em Outubro de 2002, chegou às livrarias nacionais a versão portuguesa do primeiro volume da trilogia *Ulisses*, uma banda desenhada para “pequenos e grandes” que pretende ser uma “adaptação livre da obra de Homero”, a *Odisseia*.

O volume em apreciação, tal como o próprio título indica, narra os perigos e adversidades que Posídon impôs ao herói durante a sua viagem de regresso a Ítaca, por ter ousado desafiar o deus dos mares. Logo nas páginas iniciais do livro, à maneira de uma introdução, o herói, que é simultaneamente o narrador, começa por situar o leitor na história. Evocando os acontecimentos que precipitaram a guerra de Tróia, refere a sua integração no exército dos Aqueus e a conseqüente partida de Ítaca: “Tudo começou quando Páris, príncipe da orgulhosa cidade de Tróia, raptou a bela Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta. Para retomar aos Troianos a sua mulher, Menelau chamou os reis de todas as cidades gregas para combaterem a seu lado. Foi assim que eu, Ulisses, filho de Laertes e rei de Ítaca, embarquei para a